

# **Educação e democracia: O papel dos aparelhos ideológicos corporativos**

**Profº Me Antonio Gracias Vieira Filho**

Portal Sociologia da Gestão  
[sociologiadagestao.com](http://sociologiadagestao.com)



# A hipótese desta apresentação [1]

A educação vinculada a escolas e universidades, tantas vezes acusada de “monolítica”, passa por uma radical transformação. Sai de cena o protagonismo da atividade docente, da apresentação expositiva, do ensino de conteúdos, da reflexão crítica e humanista. Todos esses elementos passam a ser vistos como representativos do que existiria de mais atrasado em termos de educação em ambiente institucional. Em seu lugar, temos a abordagem pragmática, lúdica, mediada por novas tecnologias, centrada em competências e habilidades. Sai o professor, entra a discussão sobre a técnica pedagógica; sai o conhecimento, entra a formação de capital humano.

## A hipótese desta apresentação [2]

Nota-se a construção da armadilha perfeita. A associação entre abordagens tradicionais e atraso se soma à visão de que qualquer técnica inovadora é positiva. Assim, a sociedade parece verdadeiramente acreditar que é possível construir reflexão autônoma sem conhecimento, dedicação e disciplina - a qual, de fato, nem sempre é prazerosa. A radicalização dessas associações fica evidente na crescente mercadificação dos processos de ensino. Com o objetivo de retenção do cliente, fica estabelecida a disposição para enganá-lo: vende-se a ignorância por formação; a gincana por aprendizagem; a incapacidade por competência; e assim por diante.

## A hipótese desta apresentação [3]

Esse processo de mercadificação não se esgota no papel das instituições de ensino ou na cooptação de docentes. Existe uma participação ativa, uma verdadeira demanda, por parte dos estudantes. Para um docente, o caminho mais curto rumo a uma má avaliação institucional se estabelece quando suas exigências se voltam à leitura, exposição de conteúdos, cobrança de disciplina e uma abordagem considerada mais convencional. A definição de regras, a solicitação de silêncio, o estabelecimento de uma bibliografia obrigatória, todos esses elementos convertem-se em verdadeira afronta ao cliente. O cliente, aquele que paga o salário do professor, deseja diversão.

## A hipótese desta apresentação [4]

Assim como se logrou convencer a sociedade de que é possível produzir uma “inclusão pelo consumo”, com a venda de televisores e automóveis, agora se afirma tal possibilidade pela venda de diplomas. Mas não se constrói uma democracia pelo crediário e não se garante acesso ao conhecimento pela cobrança de mensalidades. Na verdade, o que se nota é a criação de uma tirania do cliente em sala de aula; o mesmo cliente que, armado de pretensas competências, não é capaz de entender uma teoria sociológica, uma obra de Guimarães Rosa, a guerra na Ucrânia... O democratismo comercial-pedagógico cria o indivíduo incapaz de atuar em um regime democrático.

# 1. Educação e democracia



O ensino tradicional é antidemocrático? Técnicas de ensino “inovadoras” produzem pessoas melhor preparadas para democracia? As “metodologias ativas” são uma panaceia pedagógica? Foto: Isa Lima, UnB, CC BY 2.0.

# Educação e democracia [1]

No mundo contemporâneo, podemos identificar dois modelos de educação em disputa por protagonismo nos sistemas educacionais:

- **Formação para ignorância:** instituições de ensino, do nível fundamental ao superior, com currículos e abordagens pedagógicas que promovem deliberadamente a ausência de conteúdo e reflexão crítica;
- **Formação para autonomia:** nas instituições que insistem em formações voltadas à reflexão crítica sobre a realidade.

## Educação e democracia [2]

Importante destacar que **não** há uma relação inescapável de sinonímia entre pobreza material e indigência curricular. Instituições caras e bem aparelhadas podem oferecer formações cuidadosamente voltadas à ignorância. Por outro lado, mesmo uma escola modesta pode propor uma formação intelectual crítica e reflexiva - desde que apoiada em uma proposta curricular bem construída. Para que possamos determinar com qual tipo de formação estamos lidando, é preciso que façamos algumas perguntas: (1) o que se ensina; (2) de que modo é ensinado; e (3) qual o objetivo da instituição educacional e do projeto pedagógico em análise.

## Educação e democracia [3]

A educação institucional progressivamente deixa de lado os conhecimentos fundamentais à mentalidade crítica. História, Geografia, Sociologia e Filosofia, áreas do saber fundamentais para compreensão dos grandes processos sociais, perdem centralidade. As competências e habilidades, com seu caráter instrumental e fragmentário, passam a ter protagonismo. O docente é posto de lado e a técnica pedagógica se transforma em dinâmica de grupo: lúdica, tecnológica, participativa e, muito importante, desconectada de qualquer senso de profundidade e abstração. O rigor científico, a sistematicidade e o conhecimento encontram-se todos fora de moda.

<b>O que está de saída</b>	<b>O que está chegando</b>
Protagonismo docente.	Técnicas pedagógicas “inovadoras”.
Ciências humanas e sociais: Filosofia, Geografia, História, Literatura, Sociologia etc.	Elementos conversíveis em ganho financeiro (real ou imaginário): empreendedorismo, empregabilidade, projeto de vida, matemáticas (da forma mais tacanha e financeira possível).
Pensadores clássicos (Aristóteles, Platão, Durkheim, Marx etc.).	Biografias de líderes corporativos.
Conteúdo, reflexão crítica, questionamento da realidade.	Ultrapragmatismo desprovido de elementos éticos.

## Educação e democracia [4]

Aquilo que já foi um debate rico entre distintas abordagens pedagógicas, chega à segunda década do século XXI como literatura de manual - no pior sentido da expressão. As propostas da Escola Nova, as ideias de John Dewey (1859-1952), a formação para autonomia, na visão de Maria Montessori (1870-1952), tudo isso será fagocitado pela pedagogia das competências. Trata-se da radicalização do pragmatismo, o ataque incessante ao ensino tradicional e a exclusiva valorização do que é diretamente aproveitável. Por aproveitável, que fique claro, temos somente aquilo que pode interessar ao mercado de trabalho - se não é conversível em lucro, não serve.

## Educação e democracia [5]

A aula expositiva, o docente conteudista, a escola católica, a disciplina, os autores clássicos... Todos esses itens foram abandonados por suas virtudes, não por seus defeitos. Pensemos no indivíduo dotado de saberes articulados, capaz de realizar análises amplas sobre a realidade, com disciplina para o estudo e conhecedor de Aristóteles e Rousseau. Esse personagem faria o que em um escritório? Ele se prestaria ao trabalho para um aplicativo? Tornar-se-ia um frequentador das palestras sobre empreendedorismo do SEBRAE? Ora, o mais provável é que venha a ser um crítico ácido do escritório, do aplicativo e do SEBRAE.

# O desastre da empregabilidade [1]

Um dos pontos de intersecção entre os atuais currículos escolares e universitários e a crise da democracia na educação institucional se localiza, portanto, no conceito de **empregabilidade**. Quando afirmamos a necessidade de uma formação que seja empregável pelo mercado de trabalho, estamos, ato contínuo, subordinando de forma radical o currículo à necessidade corporativa. Que fique claro: não se trata de formação para o trabalho, mas de formação para o mercado. Não falamos da formação política proposta por Karl Marx, mas de um projeto muito mais pragmático, fragmentário e de rápida conversão em recursos financeiros.

## O desastre da empregabilidade [2]

Assim, ao mercado faz muito mais sentido uma formação centrada no desenvolvimento de competências e habilidades. Estas, no entanto, padecem de uma variedade de males, quanto ao desenvolvimento de ferramentas críticas e reflexivas por parte dos educandos. Para além do que já foi dito, não há um senso de propósito que extrapole a busca de uma atividade remunerada - o horizonte colocado é, portanto, o da meta corporativa a ser alcançada. Em um mundo em que a ética do trabalho foi superada pela ética do capital, não existe qualquer necessidade de formação de fagotistas, por exemplo.

# O desastre da empregabilidade [3]

Para o mercado, qual o interesse em:

- Filosofia medieval?
- Literatura russa?
- Religiões de matriz africana?
- Arte contemporânea experimental?
- História das ideias políticas na República Velha?
- Iconografia do Império Asteca?

O interesse mercantil nesses campos é praticamente zero. No entanto, esses e outros conhecimentos deveriam ser valorizados por sua importância essencial: eles nos fazem humanos e, desse modo, são necessários a uma formação humanista.

Cristiane Correa

# SONHO GRANDE

Como Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira  
revolucionaram o capitalismo brasileiro e conquistaram o mundo

*Prefácio de Jim Collins*



## 2. Aparelhos ideológicos corporativos

O trio de empresários Carlos Alberto Sicupira, Jorge Paulo Lemann e Marcel Herrmann Telles, criadores de alguns dos maiores empreendimentos corporativos do mundo. Como a biografia do trio relata (Correa, 2013), vale apostar em ambientes laborais tóxicos, para criação de uma “cultura vencedora”. Imagem: divulgação.

# Aparelhos ideológicos corporativos [1]

## 1. O que são os aparelhos ideológicos corporativos?

Os **aparelhos ideológicos corporativos** são organizações ligadas à iniciativa privada, sobretudo grandes grupos empresariais, cujo principal propósito é o estabelecimento, divulgação e reprodução de ideias, valores, práticas e símbolos relacionados aos ideais do capitalismo contemporâneo. Trata-se de uma combinação do que seriam os chamados *think tanks*; grupos de empresários “preocupados em mudar o mundo, começando pelo Brasil”; fundações de estímulo à educação; e cursos de formação de novas lideranças políticas.

## Aparelhos ideológicos corporativos [2]

Quanto aos **valores** promovidos pelos **aparelhos ideológicos corporativos**, temos a recusa à regulação, fiscalização e demais práticas de controle associadas ao Estado. Também são criticadas outras práticas e causas coletivas, como os sindicatos e as entidades representativas do trabalho. Finalmente, são atacadas as propostas de transformação social que não estão, simultaneamente, centradas no indivíduo e voltadas aos interesses do capital. Ainda que o termo “democracia” apareça na divulgação dessas instituições, os propósitos unificadores desse campo político repousam sobre o lucro, a gestão draconiana do trabalho e a racionalidade eticamente esvaziada.

# Aparelhos ideológicos corporativos [3]

Exemplos dessas organizações no Brasil:

- Instituto Brasil 200;
- Fundação Lemann;
- Fundação Educar;
- Movimento Acredito;
- Lide (Grupo de Líderes Empresariais);
- Livres;
- Instituto Millenium;
- Instituto Liberal;
- Instituto de Estudos Empresariais; etc.

# Aparelhos ideológicos corporativos [4]

## 2. Empresas também são aparelhos ideológicos corporativos

As próprias empresas/corporações são aparelhos ideológicos corporativos. Todas as vezes em que esses empreendimentos são dotados de uma “cultura interna forte”, alinhada aos valores descritos até aqui, eles contribuem para divulgação das matrizes ideológicas do capitalismo. Vejamos um exemplo. As empresas ligadas ao fundo de investimentos 3G Capital, que possui entre seus fundadores Jorge Paulo Lemann, Carlos Alberto Sicupira e Marcel Hermmann Telles, se notabilizaram por cultivarem um conjunto de princípios cujo lema unificador é *brilho nos olhos e faca nos dentes*.

## Aparelhos ideológicos corporativos [4]

Para que tenhamos uma noção mais exata do alcance da cultura interna das empresas do 3G Capital, é importante que fique claro de quais marcas estamos tratando:

- AB InBev (a maior cervejaria do planeta);
- Kraft Heinz;
- Restaurant Brands International (junção entre Burger King, Tim Hortons e Popeyes Louisiana Kitchen);
- Lojas Americanas;
- B2W Digital (Americanas Online, Submarino e Shoptime).

## Aparelhos ideológicos corporativos [6]

Em sua versão empresarial, os aparelhos ideológicos corporativos reafirmam:

- A importância de um comportamento individualista e ultracompetitivo – ainda que sob um discurso contraditório do “time” -, com estímulo às jornadas de trabalho intermináveis;
- Atuação extremamente agressiva no mercado, vendendo produtos ou comprando a concorrência;
- A perpétua garantia de planilhas e números favoráveis, ainda que à custa da qualidade dos produtos, história das empresas e saúde dos trabalhadores.

# Aparelhos ideológicos corporativos [7]

## 3. Contexto histórico: acumulação flexível de capital

Esses valores aparecem alinhados ao atual estágio do modo de produção capitalista: a **acumulação flexível de capital**. Esta se define pela desregulamentação do regime de trocas e das relações entre capital e trabalho; organização da atividade econômica em redes, com protagonismo do capital transnacional; relações profissionais mediadas por aplicativos; e a sedutora retórica da autorrealização empreendedora, para consumo de trabalhadores radicalmente alienados e atomizados.

### 3. Conclusão: educação não é mercadoria



Estudantes em assembleia durante ocupação do campus da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), no Maracanã. Foto de Fernando Frazão, Agência Brasil, 2015, CC At. 2.0. A greve estudantil é um importante instrumento de formação democrática e treino para atuação política.

# Educação não é mercadoria [1]

Por mais gasta que seja essa palavra de ordem estudantil, a educação, de fato, não é mercadoria. Tão logo assume feições determinadas pelo capital, converte-se em outras coisas: comércio de competências; venda de certificados; passaporte para gincanas universitárias; etc. Para que se concretize a sua conversão em mercadoria, a educação em ambientes institucionais precisa abraçar simultaneamente duas lógicas: de clientela e de recusa à formação crítica. Quem paga, manda - mas, por absoluta ignorância, quase sempre manda contra os próprios interesses. Em um contexto como esse, é impossível prosperar qualquer diálogo entre educação e democracia.

## Educação não é mercadoria [2]

Ora, se a democracia é um regime de participação e representação popular, definido por determinadas regras, com o respeito a valores fundamentais como liberdade de expressão, associação e crença, vale perguntar: isso aparece em nossas salas de aula? Alunos e alunas estão dispostos a jogar pelas regras estabelecidas? Quando existe um debate, possuem disposição para participar? Dispõem dos conhecimentos necessários para formulação de posições bem informadas? Fica a impressão, equivocada, de que nada que diga respeito à liberdade e participação está presente na educação tradicional - esse seria o domínio das novas técnicas pedagógicas.

## Educação não é mercadoria [3]

Quanto à pedagogia, o senso comum produz mal-entendidos em profusão. Confunde-se a autoridade docente com ditadura; a liberdade com imposição das vontades do aluno-pagante; a emancipação com “competência”; o conhecimento com inutilidade; e assim por diante. Ora, como haverá treino para democracia com alunos que sequer conhecem a definição desse conceito? De onde virá a identificação com esquerda e direita, se também não há pálida ideia das diferenças entre um campo ideológico e outro? O ensino lúdico, pretensamente democrático, privilegia o pragmatismo e deixa de lado o conteúdo e seu potencial subversivo.

## Educação não é mercadoria [4]

Finalmente, a educação como mercadoria elimina os espaços de treino para vida política. Nos pontos de venda de certificados, não há razão para existência de grêmios, centros acadêmicos, eleição de representantes discentes, assembleias, greves, ocupação de reitorias e afins. Não se monta chapa, nem programa de gestão, tampouco são enviados estudantes para congressos da UNE. Não existe vida política, pois o mais importante é que as relações comerciais de troca não sejam atrapalhadas por ideais e práticas democráticas. Os alunos são preparados com base em competências e habilidades, para que possam bater metas - e não pensar.

# Bibliografia consultada

# Bibliografia consultada [1]

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima. As referências da pedagogia das competências. In: **Perspectiva**. Florianópolis, v. 22, nº 02, p. 497-524, jul./dez. 2004.
- CORREA, Cristiane. **Sonho Grande**. São Paulo: Primeira Pessoa, 2013.
- DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles. "Post-scriptum sobre as sociedades de controle" In: **Conversações**. São Paulo, Editora 34, 1992.
- DIEGUEZ, Consuelo. **Bilhões e lágrimas: a economia brasileira e seus atores**. São Paulo: Portfolio Penguin, 2014.
- GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social. Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

## Bibliografia consultada [2]

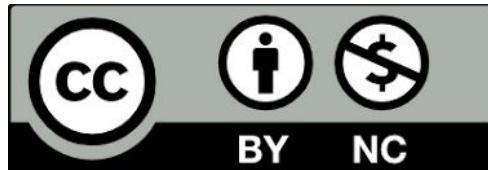
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2013.
- LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. "Ethos emergente: notas etnográficas sobre o sucesso". In: **Revista brasileira de ciências sociais**. São Paulo, ANPOCS, vol. 22, n. 65, outubro/2007, p. 73-83.
- LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo: capital humano e empreendedorismo como valores sociais**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.
- SAVIANI, Derméval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2012.
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Os (des)caminhos da escola: traumatismos educacionais**. São Paulo: Cortez, 2011.
- VIANA, Silvia. **Rituais de sofrimento**. São Paulo: Boitempo, 2012.

# Muito obrigado por sua atenção!

Profº Me Antonio Gracias Vieira Filho

Contato: [antoniofilho@facpiaget.com.br](mailto:antoniofilho@facpiaget.com.br)

Visite: [www.sociologiadagestao.com](http://www.sociologiadagestao.com)



Este material pode ser utilizado e/ou reproduzido segundo as regras da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0). Isso significa que você pode utilizá-lo sob duas condições: em iniciativas sem fins comerciais e desde que citada a fonte/autoria (Profº Me Antonio Gracias Vieira Filho).